



remaa

Rodas e Registros na formação de educadores: Narrativas sobre compreensão do pertencimento ao lugar na constituição do educador ambiental

Fernanda Seidel Vorpapel¹

Universidade Federal do Rio Grande - FURG

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4589-5819>

Cláudia da Silva Cousin²

Universidade Federal do Rio Grande - FURG

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8250-6800>

Resumo: O presente texto constitui-se a partir dos diálogos e das escritas reflexivas decorrentes da disciplina “Relações de pertencimento na constituição de educadores ambientais”, do programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental (PPGEA), da Universidade Federal do Rio Grande (FURG). A metodologia das aulas foi pautada em Roda de Formação e na escuta sensível com a partilha de saberes. Desse modo, as discussões permearam na compreensão do sentido do lugar, dando ênfase ao significado deste nas pesquisas propostas. Os registros de escrita, neste caso, possibilitam adensar a compreensão do lugar enquanto espaço-tempo de transformação social e emancipação. Oportunizando o sujeito/leitor a pensar a sua própria ontologia de ser-e-estar-no-mundo.

Palavras-chave: Escrita, Lugar, Pesquisa.

Ruedas y registros en la formación de educadores: narrativas sobre la comprensión de la pertenencia al lugar en la constitución del educador ambiental

Resumen: Este texto está constituido por los diálogos y escritos reflexivos resultantes de la disciplina “Relaciones de pertenencia en la constitución de educadores ambientales”, del Programa de Posgrado en Educación Ambiental (PPGEA), de la Universidad Federal de Río Grande (FURG). La metodología de las clases se basó en la rueda de entrenamiento y la escucha sensible con el intercambio de conocimientos. Así, las discusiones permearon la comprensión del significado del lugar, enfatizando su significado en la investigación propuesta. Los registros escritos, en este caso, permiten profundizar la comprensión del lugar como un

¹ Mestra em Educação Ambiental pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG, Rio Grande, Brasil. E-mail: vorpagelfernanda@gmail.com.

² Doutora em Educação Ambiental pela Universidade Federal do Rio Grande - FURG. Professora no Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental (PPGEA), Instituto de Educação (IE), Rio Grande, Brasil. E-mail: profclaudiacousin@gmail.com.

espacio-tiempo de transformación social y emancipación. Oportunidad para que el sujeto / lector piense en su propia ontología de ser-y-ser-en-el-mundo.

Palabras-clave: Escritura, Lugar, Investigación.

Wheels and Records in the formation of educators: Narratives about understanding the belonging to the place in the constitution of the environmental educator

Abstract: This text is constituted from the dialogues and reflective writings resulting from the discipline “Relationships of belonging in the constitution of environmental educators”, from the Graduate Program in Environmental Education (PPGEA), from the Federal University of Rio Grande (FURG). The methodology of the classes was based on Training Wheel and sensitive listening with the sharing of knowledge. Thus, the discussions permeated the understanding of the meaning of place, emphasizing its meaning in the proposed research. The writing records, in this case, make it possible to deepen the understanding of the place as a space-time of social transformation and emancipation. Opportunity the subject/reader to think about their own ontology of being-and-being-in-the-world.

Keywords: Writing, Place, Research.

Introdução

A cada amanhecer, em que acordamos, nos vemos frente a um novo dia. Carregado de expectativas, objetivos, tarefas e desafios. Assim, mesmo que intrínseco vamos criando relações de afeto, respeito, esperança, antipatia, gosto e desgosto com o lugar que vamos constituindo como sendo de pertencimento. Desse modo, convidamos você leitor, a pensar no lugar ao qual você se sente pertencente, quais os fatores que movem essa ação de pertencimento e porque atribuímos determinados sentidos, por vezes, de acordo com as circunstancialidades do momento.

As discussões deste trabalho decorrem das vivências na disciplina “Relações de pertencimento na constituição de educadores ambientais”. Essa, de forma especial, possibilitou este estudo reflexivo, por meio de sua metodologia que consiste em Roda de Formação, com discussão de leituras propostas pela professora e na sequência pela tessitura de registro reflexivo, feito por todos, e compartilhado mediante leitura na aula. O processo de escrita semanal dos registros contribui para compreender o sentido do lugar, dando ênfase ao significado deste na pesquisa proposta pelos mestrandos e doutorandos. Ou seja, a significação do lugar para a constituição ontológica dos pesquisadores.

A Roda de Formação consiste na partilha de argumentos que decorrem de formas próprias de pensar e sentir, tendo o exercício da escrita como momento para sistematização e organização dos conhecimentos. Desse modo, a característica da roda é a de reunir indivíduos com histórias de vida diferentes e maneiras próprias de pensar, de modo que os

diálogos que se constituem não obedecem a uma mesma lógica (WARSCHAUER, 2001). O processo da roda é “um momento privilegiado para o exercício da participação e o aprendizado da cooperação, tendo a experiência dialógica como seu eixo” (WARSCHAUER, 2001, p. 66). Assim, a roda tem a escuta sensível e a partilha de saberes como o elo principal do processo formador, sendo pautada no diálogo Freireano (2019).

A disciplina está situada dentro do Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental (PPGEA). O referido programa, da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), tem como objetivo principal a formação de docentes-pesquisadores capazes de contribuir para produção de conhecimentos e sua transformação no campo da Educação Ambiental, a partir de um enfoque científico, humanístico e interdisciplinar das questões educacionais, ecológicas e socioambientais. O programa conta com três linhas de pesquisa, dentre elas, aqui em questão, a Educação Ambiental: Ensino e Formação de Educadores(as) (EAEFE).

Nessa direção, a linha de pesquisa aborda temáticas relacionadas à Educação Ambiental em contextos educativos institucionalizados, com ênfase especial na ação e na formação da práxis pedagógica dos docentes. Discute, através do processo de pesquisa e da formação de pesquisadores em Educação Ambiental, os aspectos identitários e os saberes da docência, as redes de aprendizagem e a constituição de professores educadores ambientais, como modo de compreensão desde o campo educativo-pedagógico sobre as demandas ambientais emergentes na sociedade atual³.

Desse modo, como já mencionado a escrita dos registros reflexivos contribui na compreensão do sentido do lugar, dando ênfase ao significado deste nas pesquisas propostas dentro do âmbito da Pós-Graduação. No caso da mestranda, primeira autora deste texto, o projeto de pesquisa da dissertação consiste em compreender como a Educação Ambiental crítica e transformadora se mostra na escola da educação básica, investigando qual a base teórica que fundamenta a ação do(a) professor(a) em sua práxis. O qual é articulado com o sentido do lugar, contexto escolar e formação de professores. Sendo a compreensão do lugar o sentido atribuído a este. Desta forma, se aposta na potência do

³ Fonte base: página do programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental (PPGEA) disponível em: <https://educacaoambiental.furg.br/pesquisa/linhas-de-pesquisan.html>.

lugar, enquanto circunstancialidade socioambiental, para fundamentar as práticas de Educação Ambiental.

Nessa direção, entende-se o lugar de pertencimento como sentidos atribuídos a um lugar no espaço, por vezes, o mesmo lugar é compreendido por diferentes formas, pois a vivência humana de cada sujeito reveste o lugar de sentido, segundo suas experiências. De acordo com Oliveira (2014, p.12) “lugar é um mundo de significados organizados, a um tempo estático e a outro dinâmico; são caminhos que se tornam lugares significativos”. Cabe destacar, que esse pertencimento do qual se fala, é no sentido identitário, com o despertar da responsabilidade coletiva. Sendo o “eu” sujeito compreendido como ambiente e não parte dele.

Assim, em meio a cores e fios se pretende construir, por meio do processo de narrativa, a “roupagem” com que se reveste o lugar de pertencimento. É como o ateliê onde se cria, experimenta e se produz um tipo de arte. Ao narrar amplia-se o entendimento sobre o lugar ao qual se cria relações de pertencimento, tornando esse processo reflexivo, por meio da escrita e reescrita. O que contribui na tessitura da pesquisa. Desse modo, a discussão permeia pelos sentidos atribuídos ao lugar, onde o desafio é refletir sobre a ontologia do próprio ser.

A seguir apresentamos na metodologia, o contexto e as leituras que subsidiam as nossas reflexões, posteriormente problematizamos os diálogos e entendimentos que surgiram durante às aulas. Por fim, destacamos as considerações e possibilitamos novos questionamentos que podem ser aprofundados em outros estudos.

Metodologia

As discussões possibilitadas na sala de aula por meio da disciplina “Relações de pertencimento na constituição de educadores ambientais” tiveram como objetivo geral compreender a importância do lugar, suas transformações no espaço e no tempo e as implicações no cotidiano, analisar o processo de formação/constituição de educadores ambientais, a partir da compreensão do pertencimento ao lugar, ao campo da Educação Ambiental e ao campo de atuação profissional.

A metodologia dos encontros presenciais semanais foi pautada em Roda de Formação, com posterior escrita de registro reflexivo. Cabe destacar, que em cada aula, posterior a discussão na Roda de Formação coletiva, são compartilhados, por meio de leitura, três registros reflexivos com os colegas. A escrita narrativa justifica-se como possibilidade de ampliar a percepção ontológica do sujeito-pesquisador para fundamentar a prática de Educação Ambiental, no viés crítico-transformador. Sendo, o texto de pesquisa narrativa fundamentalmente um texto temporal - a respeito do que tem sido o que é agora, e o que está se tornando (CLANDININ, CONNELLY, 2015).

O embasamento teórico metodológico é fundamentado na pesquisa fenomenológica que “busca a interpretação do mundo através da consciência do sujeito formulada com base em suas experiências” (GIL, 2017, p. 35). Desse modo, o primeiro tópico das discussões deste trabalho, está mais centrado na escrita reflexiva que diz respeito a três capítulos do livro Qual o espaço do lugar? Sendo eles: Reflexões sobre a emergência, aspectos e essência de lugar (Edward Relph), O triunfo do lugar sobre o espaço (João Baptista Ferreira de Mello) e Lugar e sujeito: perspectivas teóricas (Vicent Berdoulay e J. Nicholas Entrikin).

Na sequência, o segundo tópico é proposto para dialogar com os textos Lugar enquanto Circunstancialidade (Eduardo Marandola Jr), Corporeidade e Lugar: elos da produção da existência (Eguimar Felício Chaveiro), textos do livro citado anteriormente. Bem como, A importância dos lugares na Educação Ambiental (Mauro Grün) e Pertencimento (Laís Mourão Sá). As leituras, dos referidos textos oportunizam pensar qual a relação que existe entre o lugar e o “eu” enquanto sujeito de pesquisa, qual o papel social diante das relações que estão postas no mundo. Essas problematizações serão agora contempladas no desenvolvimento, que segue.

Desenvolvimento

A discussão acerca de lugar é complexa, pois está completamente revestido de sentido, sendo fenômeno da experiência vivida e possuindo uma identidade. Essa identidade do lugar pode ser construída, reconstruída e até forjada, a exemplo, das corporações multinacionais que constataram que as identidades do lugar possuem valor de mercado, possibilitando a exploração do seu potencial por meio da manipulação (RELPH, 2014). Desse

modo, estudar e promover lugar consiste em prática de resistência. Relph (2014) destaca alguns aspectos de lugar que interpreta como sendo importantes, visto sua observação. Dentre eles, se destacam lugar como reunião, localização, fisionomia, espírito, sentido, enraizamento, lar, não-lugar, exclusão/inclusão e fabricação.

Nesse sentido, é importante destacar o aspecto de exclusão/inclusão e fabricação de lugar, pois esses, por vezes, não são compreendidos por nós, talvez porque não se tenha essa reflexão explícita de que os lugares também podem ser fabricados. Com o olhar mais atento à dinâmica das cidades podemos destacar que a cidade de Gramado é, em parte, um lugar fabricado. A cidade é vista pelas lentes de olhos maravilhados, no entanto, essa observação turística não revela a dinâmica de trabalho em que consistem as contradições e desigualdades sociais. A nossa percepção pode ser forjada, assim como foi a da mestranda, e só compreendemos tais enredos quando estudamos e por isso corroboramos com Relph (2014), ao apontar que seja de uma perspectiva arquitetônica ou psicológica, estudar e promover lugar é uma prática de resistência.

Desse modo, lugar como aspecto de exclusão/inclusão é outra questão que deve ser observada, pois a manifestação de forte apego a lugar é uma atitude que pode excluir o outro sujeito. A compreensão de que determinado lugar é meu e você é diferente devido à renda, cor ou gênero se constitui em exclusão. Por vezes, e pior ainda, na nossa concepção, é quando eu ou você nem sequer temos conhecimento e acesso a outro lugar, a exemplo, da miséria que coloca o sujeito numa situação extrema. A compreensão de lugar de forma crítica se dá por meio das relações, e quando estas são muito limitadas dificultam esse processo de potencial responsável e transformador.

Nessa direção, a discussão nos leva ao lar, que não necessariamente seja o refúgio da nossa casa. Lar, “pode ser qualquer parte desde que esteja enraizado num lugar simultaneamente especial, familiar e significativo, levando em conta a diferenciação e a integridade do ser no mundo” (RELPH, 2014, p. 29). Assim, “nas comunidades e nas periferias, a rua é a extensão da casa” (MELLO, 2014, p. 39). Para o morador de rua o lar é a própria rua, é a sua experiência, pois é desta forma que ele se relaciona com o mundo e onde o mundo se relaciona com ele. Apesar da dificuldade de entender essa opção de morar na rua, se é que ela é uma opção, ou necessidade na grande maioria das vezes, o nosso olhar

externo é diferente do olhar do sujeito que vive a situação/experiência. O lar então é, constituído por sentimentos.

Assim, a experiência advém do signo e símbolo atribuídos como pano de fundo para compreender o lugar. O tempo e o estudo, em nosso entendimento, são fatores fundamentais para adensar a compreensão do lugar. O lugar em sua horizontalidade produz informação, a exemplo, à cidade do Rio Grande, a fisionomia do lugar produziu uma informação que permitiu a instalação do polo naval.

O lugar pode ser o mesmo e ter funcionalidades diferentes em momentos distintos do dia, sendo que continua marcado pelo trabalho. O que muda é a relação, o cenário, a circunstancialidade do momento. Dessa forma, podemos entender que o lugar físico é o mesmo o que muda é a lugaridade que é conceito subjetivo e ontológico do ser.

Cabe destacar, a possível existência de sujeitos que vivem em conflito com sua identidade, o sentido atribuído a si próprio é induzido pelo diálogo alheio, o que é cada vez mais perceptível na contemporaneidade do mundo globalizado. “O indivíduo não existe como ser autônomo. Ele parece executar o que as estruturas ambientais, econômicas ou histórico-culturais teriam determinado para o espaço em que vive” (BERDOULAY, ENTRIKIN, 2014, p. 97).

Em se tratando de lugar e identidade, é fundamental a discussão sobre território que vem acompanhado de relações de poder. O território não é só o espaço físico, esse conceito se enfraquece porque passamos do processo de globalização da economia para a desterritorialização. O território alargado, expandido, interfere na forma de ver o mundo. Diante da questão, qual é o sentido do sujeito no lugar? Esse sujeito ser ontológico é formado por inúmeras experiências que lhe dão a visão de mundo. O ser se constitui com o outro por meio das relações, sendo isso o que Heidegger chama de Ser-com, fundamental para pensar o Ser-e-estar-no-mundo.

Destarte, a nossa reflexão advém do espaço físico, sala de aula, onde transcorrem as ações, do contexto social em que se têm relações e das revelações dos conflitos que estabelecemos com nosso próprio ser-e-estar-aí, cada um em sua subjetividade. É nas relações juntamente com os outros que vemos possibilidades diferentes de entender e viver o mundo. Assim, a leitura e a problematização na roda semanal da aula permitem entender

melhor o lugar e a lugaridade. A compreensão que se faz é com o olhar mais crítico, pensando no porque se compreende o lugar de uma forma e não de outra.

A importância do lugar na pesquisa

As leituras, dos textos mencionados na metodologia, oportunizam a problematização da relação que existe entre o lugar e o “eu” enquanto sujeito de pesquisa. O texto de Marandola (2014), intitulado como “Lugar enquanto Circunstancialidade” nos convida a pensar no sentido do lugar no mundo contemporâneo. Articulado na ontologia da modernidade de Giddens em que o mundo circundante se converte em esferas de proteção e sentidos vividos pelo eu na contemporaneidade. Bem como, na ontologia fundamental de Heidegger, onde temos os elementos para pensar a circunstancialidade da mundanidade em sua dimensão originária fática. Ao pensar na constituição ontológica do ser, Heidegger parte do ser para o tempo, utilizando-a para definir a própria pre-sença, o ser-aí, enquanto, Giddens parte do tempo para o ser. De acordo com Marandola Jr. (2014), Giddens descredencia o lugar por ter partido do espaço para pensar o ser, enquanto Heidegger faz o contrário e reabilita o lugar, estando no centro da cotidianidade mundana e do mundo circundante.

Nesse sentido, o texto “Corporeidade e Lugar: elos da produção da existência” de Chaveiro (2014), trata da relação do corpo com o mundo e o lugar. Sendo o espaço a categoria que faz a mediação na relação de experiência do corpo com o mundo por intermédio daquilo que é possível, portanto vivenciável e experienciável: o lugar (CHAVEIRO, 2014). Desse modo, a escola é um lugar que não é apenas concebido, mas vivido pela experiência dos corpos que ali transitam. A escola enquanto lugar é atravessada por subjetividades, não estando isenta de conflitos ou de controle. Sendo ainda, uma edificação de ininterruptas relações, que decorrem das apropriações do espaço-escola, construídas por corporeidades em movimento. Essa subjetividade circundante se explica pelo fato da escola com a mesma materialidade, não ter o mesmo sentido para um ou para outro sujeito.

Em decorrência, o texto de Grün (2008), aborda “A importância dos lugares na Educação Ambiental”, partindo da concepção de espaço, para Descartes como mera extensão e para Newton o espaço, compreendido como vazio e absoluto. Desse modo, o

autor problematiza que perdemos a noção de lugar, sendo que na maioria das narrativas ele não está articulado às experiências vivenciadas. Questiona o papel que a Educação Ambiental tem face às circunstâncias, qual a nossa percepção enquanto sujeitos de vivências atravessados pela materialidade social. Cabe destacar, que à Educação Ambiental têm como um de seus fundamentos ressignificar o existir e o devir dos sujeitos.

Por fim, Sá (2005), apresenta um problema educacional, que é fazer emergir do inconsciente coletivo da humanidade suas experiências de pertencimento. Acreditamos, que para não cairmos no reducionismo da Educação Ambiental, necessitamos pensar o pertencimento, atentando para não absolutizar o lugar e nos compreendermos sujeitos de transformação dentro da complexa engrenagem capitalista que, por vezes, nos rouba o pensamento crítico.

Nesse sentido, os textos nos levam a pensar em como o lugar faz parte de nosso cotidiano e como por meio dele nos inserimos no mundo. Sendo que nós sujeitos nos identificamos pelo lugar, ou nos lembramos dele, construindo assim, a base de nossa experiência no mundo. Sendo a memória, a identidade e a experiência vivida, elementos basilares que adensam o lugar.

Desse modo, as discussões propostas indagam o sentido lugar – escola para todos, estudantes, professores atuantes, em formação continuada, enfim abarca todos os sujeitos. Para muitos o lugar escola, enquanto estudante é carregado de pertencimento, de lembranças que vão desde a sala de aula, os recreios, o refeitório com cheiro de feijão, a sala dos professores até o caminho físico para a escola. Assim, a escola para a maioria foi durante muito tempo um lugar do cotidiano de encontros que permitiram a constituição da identidade, pois esse lugar escola se refere a mundanidade do cotidiano vivido que hoje é fundamental para o sujeito pensar o ser-no-mundo e a existência. O lugar escola é inalienável e por isso permanece como fundante da experiência, apesar das transformações socioespaciais que pode sofrer.

Às vezes, o lugar – escola é carregado de pertencimento, outras um lugar tofóbico. São relações subjetivas construídas no cotidiano escolar de cada sujeito que dizem respeito as suas formas de ser-e-estar-no-mundo. Pensar em diferentes entendimentos de lugares enquanto circunstancialidade é importante porque resulta em formas de ser-aí. Sendo essas

formas particulares, possibilidades de contemplar as práticas pedagógicas críticas e emancipatórias de Educação Ambiental.

Ao se tratar de Educação Ambiental a pesquisa busca investigar que Educação Ambiental é essa que se mostra na escola. Tendo como problema a questão de: *Compreender como a Educação Ambiental crítica e transformadora se mostra/apresenta na escola da educação básica?* Buscando entender sob quais fundamentos e concepções as práticas pedagógicas de Educação Ambiental dos professores estão alicerçadas. Diante do problema de pesquisa, se aposta no estudo do lugar como prática fundamental para a ascensão da Educação Ambiental crítica e transformadora. Estudada e defendida por Loureiro (2006), a Educação Ambiental crítica, articula aspectos sociais, políticos, filosóficos e éticos.

Desse modo, a pesquisa a ser realizada tem como campo de estudo as diferentes práticas pedagógicas de Educação Ambiental, desenvolvidas em distintos lugares socioespaciais, ou seja, nas escolas públicas do Brasil e da Colômbia. Os países escolhidos se justificam pelo contexto latino, primeiro o Brasil, por ser o país em que as autoras do texto vivem, e Colômbia devido à mobilidade acadêmica realizada por uma das autoras. A partir do edital de mobilidade discente da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (2019), com recurso do Programa de Apoio à Pós-Graduação (PROAP) institucional. É importante considerar nesse contexto que o mundo é composto de grupos com tradição, língua, manifestações religiosas e artísticas, formas de trabalho e um passado histórico em comum, elementos que dão origem a identidades culturais únicas, com raízes no lugar que habitam (COUSIN, 2010).

As relações que serão vivenciadas em observação e análise das práticas pedagógicas vão possibilitar articulações para discutir a Educação Ambiental crítica e transformadora que se mostra nas escolas. Nesse sentido, o sujeito professor é um ser criador que por meio do seu diálogo e das suas atividades atitudinais vai alterando a realidade e produzindo cultura. Diante de tantos não-lugares⁴, lugares fabricados, compreender o mudo e ter consciência

⁴Em sentido trivial, como localização, toda parte é um lugar, mas, em um nível mais complexo, lugar se refere às configurações diferenciadas do seu entorno, pois são focos que reúnem coisas, atividades e significados. Sempre que a capacidade do lugar de promover a reunião é fraca ou inexistente temos não-lugares. Essas

dele são ações perceptíveis fundamentais na sociedade globalizante. Assim, o estudo de lugar, lugaridade enquanto circunstancialidade e mundo circundante são essenciais para a consciência do ser-aí, sendo que a pesquisa que está se desenvolvendo vai contribuir para a própria consciência de ser-e-estar nesse mundo.

Nessa direção, o adensamento de lugar possibilita entendermos melhor qual é a função social que temos nesse mundo, como os lugares nos constituem e podem forjar nossas concepções ao termos uma visão simplista, e o mais importante como todos esses aspectos constituem a Educação Ambiental nas escolas. Entender o sentido do lugar e quais elementos que dão significado a este para o sujeito ontológico é basilar na pesquisa em Educação Ambiental, especialmente porque mostra como se dá o triunfo do lugar sobre o espaço.

Considerações

A narrativa é uma das ferramentas que constitui o sujeito, educador crítico, pois por meio dela é possível apreender o sentido da experiência, abrindo espaço para a expressão de sua subjetividade. Nesse sentido, a pergunta que Educação Ambiental é essa que acontece nas escolas, pode ser, em parte, respondida pela narrativa dos professores. O estudo avança ao escutarmos os sujeitos da escola, que abrem possibilidades de entender que práxis pedagógica esta se desenvolvendo e como o lugar, enquanto fenômeno vivido perpassa a pesquisa.

Desse modo, as implicações e desafios da teorização sobre Educação Ambiental se refletem no âmbito do concreto e conceitual enriquecendo o debate sobre a função social da educação. Por fim, o estudo do campo da práxis pedagógica em diferentes lugares socioespaciais pode possibilitar um panorama das ações e processos de ensino em Educação Ambiental, suas inter-relações, potencialidades e desafios. Porque a escola contemporânea e os cenários a serem pesquisados podem ser entendidos como locais de tradução cultural.

ideias são importantes porque permitem entender lugar pela ausência, tanto quanto pela presença. Não-lugar é mais óbvio em ambientes construídos padronizados, como supermercados, lanchonetes *fastfood* ou aeroportos internacionais (RELPH, 2014).

Nesse sentido a disciplina de “Relações de pertencimento na constituição de educadores ambientais”, por meio de sua metodologia, permite um processo de escrita nos registros que articulam a compreensão do tema/problema de pesquisa e o sentido do lugar para cada sujeito. Os registros de escrita possibilitam adensar a compreensão do lugar enquanto espaço-tempo de transformação social e emancipação.

Referências

BERDOULAY, Vicent; ENTRIKIN, J. Nicholas. Lugar e sujeito: Perspectivas teóricas. In: MARANDOLA JUNIOR, Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Lívia de. **Qual o Espaço do Lugar?** São Paulo: Perspectiva, 2014.

CHAVEIRO, Eguimar Felício. Corporeidade e lugar: Elos da produção. In: MARANDOLA JUNIOR, Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Lívia de. **Qual o Espaço do Lugar?** São Paulo: Perspectiva, 2014.

CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. **Pesquisa Narrativa: Experiência e História em Pesquisa Qualitativa**. 2. ed. Uberlândia: Edufu, 2015.

COUSIN, Cláudia da Silva. **Pertencer ao naveg@r, agir e narr@r: a formação de educadores ambientais**. 2010. 207f. Tese (Doutorado em Educação Ambiental) – Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 67. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2019.

FREIRE, Laísa; FIGUEIREDO, João; GUIMARÃES, Mauro. O papel dos professores/educadores ambientais e seus espaços de formação. Qual é a Educação Ambiental que nos emancipa? **Revista Pesquisa em Educação Ambiental**, n. 02, v. 11, p. 117-125, 2016.

GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2017.

GRÜN, Mauro. A importância dos lugares na Educação Ambiental. In: **Revista eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**. ISSN 1517-1256, v. especial, dezembro de 2008.

GUIMARÃES, Mauro. **A formação de educadores ambientais**. Campinas: Papirus, 2004.

LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo. **Trajetória e Fundamentos da Educação Ambiental**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

MARANDOLA JUNIOR, Eduardo. Lugar enquanto circunstancialidade. In: MARANDOLA JUNIOR, Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Lívia de. **Qual o Espaço do Lugar?** São Paulo: Perspectiva, 2014.

MELLO, João Baptista Ferreira de. O triunfo do lugar sobre o espaço. In: MARANDOLA JUNIOR, Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Lívia de. **Qual o Espaço do Lugar?** São Paulo: Perspectiva, 2014.

OLIVEIRA, Lívia de. O Sentido de Lugar. In: MARANDOLA JUNIOR, Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Lívia de. **Qual o Espaço do Lugar?** São Paulo: Perspectiva, 2014. p. 03-16.

RELPH, Edward. Reflexões sobre a emergência, aspectos e essência do lugar. In: MARANDOLA JUNIOR, Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Lívia de. **Qual o Espaço do Lugar?** São Paulo: Perspectiva, 2014.

SÁ, Laís Mourão. Pertencimento. In: JR, Luis Antônio Ferraro. (org.). **Encontros e caminhos: formação de educadoras(es) ambientais e coletivos educadores.** Brasília: MMA, Diretoria de Educação Ambiental, 2005, v. 01. p. 245 - 255.

WARSCHAUER, Cecília. **Rodas em Rede:** oportunidades formativas na escola e fora dela. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2001.

Submetido em: 23-04-2020

Publicado em: 14-04-2022